

# AÇÃO DIRETA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Diretor: JOSÉ OITICICA

Redação: AV. ERASMO BRAGA, 227-5.º ANDAR — SALA 519

Administrador: MANUEL PERES

ANO VI — N.º 96

Rio de Janeiro, Novembro e Dezembro de 1954

Preço: Cr\$ 1,00

CAIXA POSTAL 4.588

## Os Militantes Sindicais e as Eleições

Por SERAPHIM PÓRTO



Que tal trabalhador!

Candidataram-se quase duas dezenas de militantes sindicais e nenhum foi eleito.

Uns foram levados a candidatar-se por suporem alguma coisa poder fazer em favor da sua classe; outros, por uma pontinha de vaidade e um tanto de ambição; outros, enfim, somente por ambição.

A derrota veio como benefício, grande benefício para os primeiros, porque, nada podendo fazer de real e definitivo para a sua classe, teriam de deixar a política parlamentar, decepcionados, ou então tentariam continuar, mas tendo de pôr a máscara impostora dos políticos, que vivem do que aparentam, mas não são, do que dizem, mas não sentem, do que prometem, mas não cumprem; a derrota veio como advertência para os segundos, a fim de não porem as suas possibilidades, acima de onde elas possam estar; para os terceiros, veio a derrota, como gargalhada de escárnio...

... não perceberam que os deuses da pedagogia estavam acuados pelos últimos acontecimentos e só lhes restava berrar e gesticular e fazer confusão para restabelecerem o ambiente sórdido em que puderam aparecer e desenvolver-se.

Entre estes últimos, como candidato a vereador, estava o laureado e aclamado pelego do Estado-Novo, Luis Augusto França, que aparecia sempre ao lado do então ditador, a fumar charutos com que o donava Sua Excelência, e a quem de nada valeu a grande lição do desassombado negro Zumbi, o qual, conforme todos sabem, preferiu

lançar-se do alto de um rochedo, a viver escravo, depois de haver bravamente lutado ombro a ombro com os seus companheiros em defesa de uma vida mais livre e mais digna! Estava também, mas este como candidato a deputado, Duque de Assis, pelego de última fornada, partidário ferrenho do Jango fanfarrão, e que, apesar de já velho, embarcou na canoa furada do Perón caricato, afundando na beira do caos, tão depressa quanto de lá havia emergido.

O maior benefício, porém, o benefício que a todos importa, foi o de livrar o sindicato de trampolim para a política estatal, evitando a correria para os cargos de direção, visando a inclusão dos respectivos nomes nas chapas dos partidos políticos, o que seria desastroso, não só por desviar o sindicato do seu rumo, como por levar a política partidária para dentro dele, o que seria dividi-lo e enfraquecê-lo ainda mais.

O que, porém, mais admira é a ingenuidade dos trabalhadores quando supõem que podem melhorar a sorte dos seus companheiros por meio do Parlamento, órgão que tem por fim fazer leis, as quais fazem com que o regime seja mantido. Ora, se o regime é o regime capitalista, as conquistas reais e definitivas que forem sendo alcançadas, vão diminuindo os privilégios dos capitalistas, e então começando o regime a ser assim transformado, deixa de ter o Parlamento a sua finalidade, que é a de fazer leis que mantenham o regime. Nesta

altura, deixemos de ilusões, os capitalistas, os senhores do regime, põem o Parlamento de lado, e a força, com todos os seus recursos de propaganda, de coação e de repressão, começa a atuar como já atuou em várias ocasiões.

E o trabalhador? Este, que vive alheado aos seus próprios interesses, que não procura estudar os seus problemas, por achar que os políticos podem resolvê-los, desorganizado porque não procura organizar-se e ignorando a realidade, colhido de surpresa, é levado, pela demagogia da nova propaganda, liderado por pelegos e outros sabujos, a apoiar os novos salvadores que continuarão a trazê-lo escravizado, enquanto lhe prometem o céu e a terra. Bem próximo de nós estão os salvadores, os messias, Mussolini, Hitler, Getúlio, Salazar, Franco e Perón, para só falar dos mais velhacos.

Cumpra, antes de tudo, que os trabalhadores se organizem e que estudem os seus problemas. Urge lembrar, porém, que estudá-los não é receber palavras de ordem... principalmente, as tais palavras de ordem, que antes deviam chamar-se de desordem, pois que hoje dizem uma coisa e amanhã, com o mais deslavado cinismo, passam a dizer coisa completamente contrária quando os fatos permanecem os mesmos, não se justificando portanto, mudança de orientação. É isto pura demagogia para gerar confusão e prejudicar o trabalhador porque o traz desorientado.

Desde 1900, as poderosíssimas organizações operárias inglesas — as "Trade-Unions" que fundaram o Partido Trabalhista inglês, atuam no Parlamento por intermédio de representantes próprios. Antes de fundar o Partido atuavam por meio dos deputados liberais. Pois bem: são passados cinquenta e quatro anos e nada de positivo alcançaram ainda para a classe trabalhadora inglesa.

Afirmou o deputado trade-unionista Salisbury que todos os assuntos debatidos na Câmara tinham sempre em conta a repercussão que podiam ter na situação governamental. E acrescentava: — "Isto impossibilita fundamentar a sua conduta sobre princípios, e cria um estado de coisas que desmoraliza". Mais ainda: disse que, quando se discutiu a lei de seguros contra enfermidades, a invalidez e a paralisação forçada, o que mais preocupava era não deixar ficar o Governo em minoria. Assim, no caso de estarem os conservadores inclinados a votar as emendas essenciais apresentadas pelos trabalhistas, estes as retiraram.

Que tal? trabalhadores! Por estas e por outras é que os mais leais e avançados militantes da questão social, pregam o abandono dos meios políticos estatais e apresentam a ação direta como meio de emancipação dos que vivem do trabalho.

— Mas que é ação direta?

— Di-lo Georges Ivetot: — "A ação direta é a que, livre de todo socorro exterior, se conta com nenhuma influência do Poder ou do Parlamento, é exercida pelos próprios interessados com o fim de obter a satisfação das suas reivindicações de maneira parcial ou completa, porém de maneira definitiva".

## SILÊNCIO

Por EDGART RODRIGUES

Depois do berreiro dos políticos e das mil e uma promessas, alardeadas nos comícios, nos jornais, nos bem garriados cartazes e nas emissoras ambulantes, volta-se ao silêncio. Uns, satisfeitos com os resultados do pleito, estudam, desde já, como adquirir o dinheiro gasto nessa papelada que cobriu as ruas da cidade. Os outros, os derrotados, choram amargamente o dinheiro que se foi, sem a colheita de um só voto. Contudo, resta-lhes a esperança de, daqui a quatro anos, se candidatar de novo. Pobre povo se eles vencerem, pois prometem a si mesmos recuperar o dinheiro gasto nas duas campanhas.

Terminou felizmente esse berreiro que, às vezes, se confundia com a música animada dos cirros em véspera de espetáculos, procurando atrair numerosa assistência. Leve diferença existe entre os dois festeiros. Uns vestem-se de palhaços e tocam músicas pitorescas para atrair ao circo a multidão, na mira de avultado lucro. Os outros procuram, com as mesmas árias, cair no gosto do eleitorado e, com seus votos, conquistar o mando. Daí o dinheiro, pois a não ser bem pagos, não serviriam a Nação... Os primeiros vestem-se de palhaços e os segundos fazem-se palhaços. Tantas são as promessas por eles oferecidas ao eleitorado, que às vezes senão sempre, caem no ridículo, pois jamais foi sua intenção realizá-las.

E' com surpresa que vemos e ouvimos reacionários afirmarem-se socialistas, democratas e trabalhistas, pregando a emancipação dos trabalhadores e prometendo atacar os sindicatos da tutela do Ministério do Trabalho e restituí-los aos operários. Enfim, prometiam até o que não existia nem existe. Dois são os objetivos que animam esses heróicos defensores do Capitalismo: dinheiro e mando. Exija-se a título de salvação Nacional, que cumpram seus mandatos sem receber um centavo e logo verão quem são os patriotas, os amigos e defensores do povo e onde estão os abnegados amigos do bem nacional.

Os que galgam as tribunas do Estado procuram, quanto possível, ficar num meio termo para obter votos do povo e, do burguês, dinheiro. Não é estranho que se tenham distribuído milhares de manifestos citando nomes e importâncias que alguns vereadores do Distrito Federal receberam por apoio a uma aprovação do aumento dos telefones. Outro tanto ocorreu com alguns deputados e até com ministros.

Os políticos sempre foram assim. Cada um deles procura limpar-se, acusando os concorrentes. Vimos isso claramente nos últimos acontecimentos que motivaram a morte do presidente da república. Com os desmandos tornados públicos pela imprensa, como fruto da corrupção gerada pelo mando, o povo confundiu-se, colocando-se, às vezes, ao lado dos sustentáculos da podridão. São esses desmandos que confirmam a razão dos anarquistas quando afirmam: Todo poder corrompe os homens.

### "O ANARQUISMO"

ESTÁ À VENDA A NOVA EDIÇÃO DO INTERESSANTE LIVRO DE KROPOTKIN.

PREÇO Cr\$ 60,00

Pedidos a AÇÃO DIRETA

E que temos, em grandes letras, nos jornais, a propósito desses desmandos? De um lado, os comprometidos (Partidos Trabalhista e Comunista) choram a morte do presidente e chamam de "vendidos aos americanos", de "reacionários", etc. aos que se apoderaram do Governo. Esquecem-se os pseudo-comunistas de que, em seu pasquim, chamavam também "traidor" e "entreguista" ao ex-presidente, como se lê no que vamos transcrever da *Imprensa Popular* de 10 de janeiro de 1954: "O Governo de Vargas é, portanto, um governo de preparação de Guerra e traição nacional. É um governo inimigo do povo... Nestas condições, a luta irreconciliável e revolucionária de todos os patriotas brasileiros é indispensável para derrotar o governo de Vargas."

E, no mesmo periódico, de 15 de agosto: "Os factos revelaram o que valiam as promessas de Vargas. Mentira, engodo e mistificação... Durante o governo de Vargas, tudo piorou para o povo... O governo de Vargas já prendeu, espancou e torturou a milhares de patriotas e democratas."

Pois dias antes do suicídio do presidente Vargas, Prestes dizia na *Imprensa Popular* (22 de agosto de 1954): "Os trabalhadores brasileiros há muito conhecem os instintos sanguinários do sr. Vargas e de seus policiais... Cresce o desprestígio e a impopularidade do sr. Vargas e, em número cada vez maior, os patriotas e democratas começam a compreender que o atual estado de coisas não pode continuar e que, como afirmam os comunistas, precisamos unir e organizar nossas forças para pôr abaixo o governo de Vargas."

Creio que, no mesmo dia, ou dia seguinte, o líder e deputado comunista Roberto Moreno dizia, na Câmara dos Deputados: "O povo está com Getúlio Vargas e só o povo fará com que ele renuncie." Não obstante esta afirmativa, foram pessoalmente ao Cateite hipotecar solidariedade ao ditador. Provocaram distúrbios por toda a parte, greves de protesto em homenagem ao "sanguinário" (como lhe haviam chamado). Não só isso, pois apoiaram todos os passos dos trabalhistas em defesa destes.

De tudo o que salta aos nossos olhos, há um caso que nos surpreende. Na política, tudo é possível, mas, raríssimas vezes acontece tomarem os partidos da direita as esquerdas do governo. Pois invertem-se, desta vez, os papéis: os comunistas passaram para a direita. Quem são atualmente os homens da esquerda? Na sua maior parte, catolicíssimos! E' neste ponto que deve residir a nossa expectativa, pois as ditaduras de Salazar e Franco são inteiramente dominadas pela Igreja, e seus principais dirigentes são o corpo e a alma da religião. Oxalá que Carlos Lacerda, no seu regresso da visita que fez a Portugal, não traga para o Brasil os moldes da ditadura salazarista. Sabemos que é um revoltado; mas, (Continua na 3.ª pag.)

## VERDUGOS DO PROLETARIADO

Por DALMAU

Vivemos, atualmente, acotados por três pragas maquiavélicas, três pragas condensadoras das vis correntes que impõem a civilização à tragédia. A primeira continua sendo o tético Vaticano; a segunda nasce em Washington; a terceira cria-se em Moscou.

Todas, idênticas em seu labor, intentam, com suas doutrinas, descarada invasão. A do Vaticano, fruto do atraso e barbarie, crava suas unhas no cérebro humano; a de Washington fomenta, estabelece e mantém, nos povos, o permanente altar de guerra, e o de Moscou, com suas fatídicas mentiras e atrocidades, até destrói as rotas sociais da razão.

As três, mestras na mentira, com seu ímpeto de quartel, de imposição, de clericalismo e superstição, cobrem a humanidade de cadáveres.

Suas forças, orientadas e dirigidas pelos métodos mais vis, conhecem todos os tortuosos caminhos dos crimes sociais, perpetrados nestes tempos.

Atentas a todos os movimentos evolutivos obreiros, acodem, vorazes, a afogá-los com seus tentáculos, disfarçados em mantos de preces e falsas palavras.

Denunciemo-las por seus nomes: catolicismo pontifical, imperialismo ianque e comunismo stalin-malenkovista. São três bandeiras que representam, neste século, a vergonha, o opróbrio e o crime. Todos os demais

são meros satélites de Estados, conduzidos pela fúria apocalíptica desses três negros torvelinhos.

Porém, qual desses três é a pior? Analisemo-las.

A praga pontifical, representa a o Vaticano com seu catolicismo. Fala-o com seu exército de padres e frades voiferando inverdades com o fim de deter os fatos e destruir as verdades patentes, assentadas pelo progresso universal.

Apoderam-se dos sentimentos humanos desde a mais tenra idade. Moldam o indefeso cérebro infantil; introduzem, nos cândidos espíritos, esse vírus de impostura e conseqüem, com requintada aplicação, matar a personalidade e fazer do menino um futuro espantoso de resignação ante o crime.

Aniquilar um espírito são; transformá-lo, não em massa pensante, equilibrada e justa, chamada povo, senão formar um rebanho fanático, anciloso e desgraçado, conhecido pelo nome de populacho, rebanho em estado patológico, de urgente mas difícil regeneração.

Representa-a o catolicismo que erigiu, ante a civilização cultural e social espanhola, o queimadouro de Sevilha com seus 5.200 cadáveres, que se immortalizou com a Inquisição e o Santo Ofício, que interpôs, na filosofia romana, os papas e o Quirinal, que

afogou a descendência cultural latina com os crimes dos Borgias.

O saqueísmo corruptor da infância, ata e sujeita o adulto. Com seu espírito de tirania, de Estado, de crueldade, de tormento, de domínio e engano, representa o despotismo assente na ignorância.

Seu lema: dividir os povos e manter as trevas.

A praga ianque, constitui-a esse velho cadáver do imperialismo capitalista burguês, tão conhecido, milagrosamente ressuscitado por seus dois filhos: o nazi-fascismo e o comunismo estatal.

Atualmente, refugiado em seu último reduto, o brutal militarismo, intenta, com sua bárbara demência bélica, estancar, nos gastos formidáveis de anticomunismo, cristianismo e liberdade, todas as lutas sociais.

Visa, mais a manter, fomentar e propagar essa divisão do povo, divisão originada pelo ouro do Kremlin, estendida pelo naz-fascismo e adotada pelos vários Estados criados pela santa matriz da Casa Branca, a criar essas correntes adversas entre as blusas obreiras, para adorná-las, com o fim de enganá-las e melhor explorá-las.

Sua desfaçatez chegou a tal extremo, que nenhuma consciência a aprova mais. Seu comportamento, seus atos tão inverossímeis são, que nem as leis burguesas têm, nos seus negros códigos, absolução para tanta barbaridade.

E' esse militarismo imperialista o que decreta se tal povo é perigoso e se qual não o é, se deve este mudar sua bandeira e aquele não; mais: que no mundo, cidade ou povo algum de-

ve opinar e falar; só Washington há de reger; que todos os sindicatos, todos os movimentos, todos os protestos, todos não têm razão de ser; que os povos não necessitam de pensadores nem filósofos; Eisenhower aí está; que a cultura, a arte, o progresso começa em Nova York e finda em Boston, que já não há consciência, nem razão; que só a bomba atômica é necessária; que todos vivemos no engano; que só eles representam a verdade; que de nada mais necessitamos; sua brutalidade nos protege.

Será possível tal porvir? Nem sequer responderemos. A razão emudece. O futuro dará a resposta.

Fitemos agora a mais perigosa, a praga Stalin-Malenkoviana. A nova mentira: o comunismo soviético, a ditadura do proletariado, mescla de monstruosidade estatal, ambição material e imbecilidade humana.

Ela deu ao decadente capitalismo os meios de salvação para erguer a cabeça; com sua demagogia, dividiu e divide as massas proletárias; com seu ouro, corrompeu e envenenou; freou a emancipação operária e paralisou as forças da Revolução Social.

Seu lema é: meter-se entre o proletariado e dividir suas forças.

Nós, anarquistas, a denunciemos ante a consciência proletária como primeiro e maior inimigo.

Inimigo perigoso, não só por seu Estado imperialista, de estrutura capitalista burguesa igual ao do Tio Sam, exploração do homem pelo homem, não só por suas ânsias de domínio, por suas divisões militares, seus canhões, sua polícia, mas, sobretudo, por essas

atrofiadas legiões formadas com astúcia, ouro e falsos profetas, com suas escolas, cópias das do Vaticano, mutila a inteligência; grava a sua marca, nestes pobres cérebros humanos.

Que sofrimento para nossas consciências ver essa multidão marchar em direção inversa a seus próprios interesses, ser dócil joguete desse negro Estado ditatorial, esquecer seus direitos, seus problemas sociais, ir arrastada por expedientes políticos de completa inutilidade.

Nós, anarquistas, somos homens da Revolução. Como-lo por instinto normal do passado que nos impõe para o porvir. Pedimos revolução quando a liberdade está em perigo, quando se mata e se assassina, quando existe exploração, quando existe diferença de classes.

Em seu tempo, aceitamos a revolução russa como imperiosa necessidade para destruir o estancado e bárbaro tsarismo. Abandonamo-la em seu desmoronamento.

(Continua na 4.ª pag.)

# ANARQUISMO E MAÇONARIA

Na publicação *Visuali*, de caráter privado, fascículo n.º 29, de 18 de setembro de 1954, ventila-se um caso interessante, muito apropriado ao exame de todos nós. O mundo capitalista é um mundo de consciências *dirigidas*. O Estado, as Igrejas, a *opinião pública*, o interesse econômico, tudo interfere em nossa razão e a transforma, de instrumento livre de ação, em maquinismo regulado por chaves e molas automáticas. Muito comum e naturalíssimo é ver como, entre os mais insuspeitos anarquistas, o ambiente capitalista insinua esse *dirigismo* convertendo certas opiniões em dogmas contrários ao princípio anárquico fundamental: liberdade individual.

Foi o caso que o semanário anarquista *Umanita nova*, de 15 de agosto passado, publicou uma notícia estereotípica de um *expurgo* bem qualificado por crime de *desvio*. Os anarquistas messineses, sabendo haver um dos seus entrado na maçonaria e convidado outro companheiro a segui-lo, asseguraram não considerá-lo mais *anarquista*, porquanto a maçonaria é sociedade burguesa, hierarquizada, incompatível pois com a liberdade preconizada pelo anarquismo.

O expurgado foi o companheiro italiano Giacomo Schirone, anarquista provado e comprovado, voluntário da Revolução Espanhola e estudioso de quanto há produzido nossa literatura. Giacomo Schirone respondeu assim: "O signatário desta, considerando-se homem livre, declara o seguinte. Quanto à atividade maçônica, o juízo declarado é fruto de livre exame individual. Quanto à opinião de considerá-lo a maçonaria organização hierárquica e burguesa, portanto incompatível com o anarquismo, pode ser isso tanto um preconceito, quanto pura convicção pessoal e por isso há de ser acolhida com ampla reserva.

Não falarei de cousas internas da maçonaria, porque a maçonaria é sociedade fechada por convicção filosófica. Admitindo que esse ponto de vista não seja admitido, não caberia dizer aqui porque, no meu fraco entendimento, a razão seria outra: trata-se de saber de que modo entendem os anarquistas a prática do pensamento livre. Impondo, porventura, um dogma? E fala-se em hierarquia, depois disso? Mas, a *jerarquia maçônica é livre exame*; não renega, nem suprime a personalidade política e artística e social de qualquer indivíduo componente seu. Os graus maçônicos são "exemplos de moral filosófica" na pesquisa da verdade. A maçonaria funciona em ambiente de livre democracia pois pratica o livre exame, ao passo que a afirmação categórica dos anarquistas messineses contrasta, não somente com os princípios de democracia, senão que ofende, diretamente, o sentimento libertário.

Bispos e jesuítas têm o hábito de iningar quem é maçom e lhe registam nome e atividades. Vós, anarquistas messineses, prestais grau serviço a tais eclesiásticos, perseguidores do livre pensamento, dando-lhes a conhecer o nome de um dos vossos, que entendeu praticar o livre pensamento numa forma particular por ele escolhida livremente.

Organização burguesa? a maçonaria? Mas, os grandes pensadores não são nem burgueses, nem proletários; são homens livres. Desde quando haveis apurado se os grandes pensadores são burgueses ou proletários? Por coerência, ignorais talvez ter sido Proudhon maçom? e, ainda mais, que escreveu o ritual da maçonaria francesa? Bakunin fazia conferências numa loja em Florença, por ser filiado à maçonaria. Carlos Cafiero, Eliseu Réclus, Francisco Ferrer, Sebastião

Faure, Volin... são anarquistas ah! não, desculpai! são maçons.

Se, anarquicamente, o homem deve ser juiz de si mesmo, Volin, o último dos desaparecidos citados, ensinou ao mundo que cousa é a anarquia a par de outros apóstolos e pensadores. No entanto, em público, sem disso fazer mistério, afirmava sua filiação à maçonaria. Conheci Volin pessoalmente e assisti a uma de suas conferências em Marselha, na qual, de público, declarou sua filiação à maçonaria; isso foi em 1938 ou 39 na sede dos sindicatos libertários.

Concluindo meu pensamento sobre o assunto: o ser ou não, por filiação ou convicção, maçom, interessa ao indivíduo e não ao movimento ou aos grupos. Isso deve ser compreendido como praxe de liberdade do indivíduo. Livres sois, se vos adrega, de combater a maçonaria e isso, por opinião própria e pessoais convicções, mas sem veiosidade alguma de impor aos outros vossa opinião ou convicção a respeito.

Quantos anarquistas sicilianos se honram de ser conterrâneos de Rapisardi: pois bem, também esse era maçom, como era maçom o grande filósofo Giovanni Bovio de quem se valem os anarquistas para fazerem amar a anarquia. A primeira revolução italiana deve ser a libertação completa de quaisquer preconceitos; abolição do *padre* e não a substituição desse por outro *padre*. Onde progride a fraternidade, progride a liberdade e a igualdade; mas, não a fraternidade de convento. O homem há de ser livre, livre para si e para os outros".

A essas palavras de Schirone, o editor e redator da *Visuali*, Domenico Mirenghi, acrescenta o seguinte: "Numa publicação baseada na clareza como este nosso *Visuali*, não se pode recusar espaço a comunicações como a de Giacomo Schirone, quer por sua qualidade de livre pensador que lutou ao lado dos anarquistas durante a Revolução Espanhola, quer porque as idéias de Schirone e a forma de exposição se coadunam com o mé-

todo de livre exame por nós exercido. Não somos maçons porque não sentimos necessidade de o ser; se o fôssemos, não nos envergonharíamos disso, nem nos sentiríamos menos anarquistas do que possamos sê-lo sem aderir à maçonaria. O problema das relações entre maçonaria e anarquismo não subsiste, nem poderia subsistir ou ser formulado, pois o anarquismo basta-se a si mesmo em questões de livre pensamento e os maçons bem sabem disso. Existe, porém, o problema da possibilidade da *presença anárquica* na maçonaria como o demonstra o escrito de Bakunin que adiante publicamos. E, realmente, tem havido participação ativa de anarquistas, de todos os tempos, na maçonaria, sempre que esta não se corrompeu acasalando-se com regimes totalitários e dogmáticos. Nesse caso, os maçons que se corromperam deixaram, automaticamente, de ser maçons, como, automaticamente, deixa de ser anarquista aquele que, havendo-se antes declarado tal, se acompadra com a autoridade, autoridade, por si mesmo, utilíssimo, e até de dever, da parte dos anarquistas messineses, aprofundarem suas pesquisas e apresentarem, ao atual movimento de idéias anárquicas, uma elaboração mais documentada e racional do seu juízo sobre a maçonaria. Imparcial em qualquer debate que possa interessar os seus amigos, maçons ou não maçons, *Visuali* põe suas páginas à disposição dos que, enquadrados no livre exame, queiram ainda opinar no assunto".

Nota de AÇÃO DIRETA — Como *Visuali*, AÇÃO DIRETA abre suas colunas a quem se queira manifestar sobre o assunto. Podemos informar de que o *Dicionário Enciclopédico da Maçonaria*, tomo segundo, pág. 199, consagra nada menos de 11 colunas, seis páginas, à personalidade de Proudhon e sua atividade maçônica acentuando bem seu combate violento à burguesia (edição, Kier, Buenos Aires, 1947, refundida e atualizada).

## CARTA DE FRANÇA

### Erros e Atropelos Jurídico-Policiais

JULIAN FLORISTAN

(especial para AÇÃO DIRETA)

A imprensa diária necessita incessantemente do relato de crimes, roubos e outros delitos ou fatos de menor valor. Sem tais *aperitivos*, só haveria razão de existirmos pelo que vemos. Dois entre três jornais nos informam de um erro judicial ou de declarações acusando ou acusando-se alguém de crimes às vezes inverossímeis, declarações feitas à força de pressões e tropelias de que ficam visíveis sinais.

Os próprios magistrados de tribunais reconhecem que "todas as polícias do mundo recorrem à coação, à ameaça e às pancadas para obter declarações dos detidos" (às vezes mortais). Assim, não nos podem caber dúvidas do fato: Se, no inquérito judiciário, se tratam do declarado e mostram sinais das *carícias*, mas não contam com algum advogado de peso para sua defesa, ninguém aceita as alegações dos acusados. Depois de cometido um ato, é sumamente necessário achar o autor. Não sendo assim, a justiça histórica fica em farrapos, faz-se ridícula e inútil e já não tem razão de ser as forças repressivas.

Sucedo, porém, que, às vezes, não há mais remédio que reconhecer um erro e então se lança mão de mil subterfúgos para justificar o injustificável; tudo, menos firmar o precedente de ter havido premeditação ao ditar-se a sentença, ou que houve má fé. Nesses casos, sempre há um papa-defunto que carregue o morto.

No caso das declarações *forçadas*, ocorre algo parecido: ou se diz tranquilamente que o acusado teve tempo material de realizar o crime de que o acusam (como se isso fosse motivo suficiente para condenar alguém detido por suspeita, ódios ou rixas), ou então (por vezes) por não ter, entretanto, a autoridade encarregada de achar o *criminoso*, de qualquer modo ou a qualquer custo, conseguido isso.

A história judicial se nutre, em grande parte, de todos esses fatos. Como poderia fazê-lo de outro modo? Se a verdade está sempre na boca e ao lado do mais forte, se a justiça a aplica aos que se acomodam a todas as situações, se a fraternidade é um mito e a liberdade uma palavra bela, só efetiva para os que dispõem de força e dinheiro, nada há de estranho que tal suceda.

E as tropelias e os erros continuarão enquanto subsistir o regime capitalista gerador da desigualdade econômica, o autoritarismo em todas as suas formas, sustentáculo e suporte do capital e as mil diferentes religiões adormecedoras dos povos, inimigas da missão integral e defensoras de quanto se opõe à que a Justiça humana seja realidade autêntica na terra.

## MOVIMENTO AUSPICIOSO

### AGITAM-SE PARA ORGANIZAREM-SE E M SINDICATO LIVRE)

Nosso diretor recebeu do professor Ulysses Demócrito, de Barra Bonita, São Paulo, uma carta acompanhada de dois recortes do jornal *Notícias de Hoje*, de São Paulo, n.ºs 839 e 846.

O primeiro desses números noticia a fundação em Barra Bonita, cidadezinha progressista de São Paulo, com desenvolvimento indústria cerâmica e a terceira usina de açúcar do Estado, do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil e na Cerâmica. A assembleia geral da fundação se realizou no dia 14 de novembro último.

Vamos transcrever, de *Notícia de Hoje*, os motivos dessa fundação e seu sentido de liberdade. Diz assim:

#### E' IGNORADA A LEGISLAÇÃO DO TRABALHO

A Legislação do Trabalho, em Barra Bonita, é letra morta. Nenhum trabalhador ganha o salário mínimo. Estivemos com centenas de trabalhadores e o que diziam a respeito do salário era a mesma coisa: 900,00, 1.000,00 e 1.200,00 mensais, os mais bem colocados, especialistas, ganham 1.700,00, isto quando ganham por mês. Os diaristas mal alcançam 45,00 e 50,00. Os menores percebem 400,00 e 500,00 cruzeiros.

Férias e indenizações são coisas desconhecidas. Dizem eles: "férias, só para funcionários públicos". A despedida é a vontade do patrão.

Estivemos com um trabalhador de cerâmica, com 16 anos de casa, que nunca gozou um dia de férias e ganha 1.400,00. Há poucos dias precisou ir a São Paulo levar sua filha ao hospital, pediu ao patrão 8 dias de licença, que não foram concedidos. Foi assim mesmo, ficou fora 5 dias e recebeu uma suspensão de 8 dias.

Um outro trabalhador, com 40 anos de casa, recebendo 1.200,00, tendo fi-

cado doente, foi dispensado sumariamente sem um centavo de indenização.

#### TRABALHO EM TERRÍVEIS CONDIÇÕES

Os trabalhadores em cerâmica trabalham sob terríveis condições. Um exemplo: o trabalhador João Bresane, casado, com 2 filhos, 33 anos. Trabalha no transporte de barro. É dono de uma carroça e 5 burros, que tem de tratar. Ganha 8 cruzeiros por carroça de barro transportada, trabalhando com um "camarada". Seu serviço: tirar o barro e encher a carroça, levar à cerâmica na outra margem do rio, passando pela ponte, na distância de cerca de 3 quilômetros. O dia de muitas viagens é 22, sendo a média 15. Com esse dinheiro é obrigado a sustentar uma família, os 5 burros, e pagar ao "camarada". E essa feira é feita na água, com chuva ou sol, da madrugada à noite.

#### A ORGANIZAÇÃO DO SINDICATO

Para lutar contra a desumana exploração a que estão submetidos, os trabalhadores em construção civil e cerâmicas de Barra Bonita e Igaracá vão formar o Sindicato. Sabem eles que só a união é que faz a força. Os 1.500 trabalhadores das 93 cerâmicas de Barra Bonita representam uma grande força.

AÇÃO DIRETA bate palmas à iniciativa vitoriosa dos barra-bonitenses e concita-os a se unirem para defesa própria, certos de que nem o Ministério do Trabalho, nem os vereadores locais, nem os partidos políticos, por mais vermelhos que se pintem, cuidarão dos seus interesses. Conscientes disso, rejeitarão qualquer intromissão desse ministério, das au-

toridades municipais ou dos políticos em suas sedes ou em seus debates. O homem livre impõe as condições do seu trabalho, mormente o preço do seu esforço; não precisa de tutelas, sobretudo as fingidas, as dos seus inimigos mais intrínsecos: o capitalista e o Estado.

Avante! trabalhadores de Barra Bonita. Seja o vosso exemplo um grito de renascimento dos sindicatos livres no Brasil.

\* \* \*

O segundo recorte refere-se à reação violenta da burguesia de Barra Bonita à atividade livre dos professores e alunos do ginásio dessa cidade, onde é professor de português e latim o mesmo Dr. Ulysses Demócrito Horta de Siqueira.

O caso é o seguinte: Esse professor com colegas e alunos fundaram um centro literário a que deram o nome de José Oiticica.

Naturalmente esse nome, de um anarquista militante e intransigente anticlerical, suscitou profunda suspeita. Ora, esse centro tem um setor teatral e os dirigentes desse setor resolveram ensaiar uma peça de Joraci Camargo: *A Santa Madre*. Grande alvoroço no galinheiro verde, pois há muitos salgadinhos por lá, entre eles o vereador Miguel Torcia. Este impediu, violentamente, que os atores lessem a peça em público na Associação Atlética Barra-Bonitense, pois o nome da peça parecia ser ataque rijo à Santa Madre Igreja Católica Apostólica e Romana, a célebre firma SMICAR.

Quiseram-se os atores reunir na sede do clube de futebol Vila-Nova e

o mesmo vereador lhes barrou a necessária licença.

Quando alegaram que o movimento era do Centro de Cultura Barra-Bonitense, gritou o truculento e salgadíssimo vereador verde-oliva:

— Não me interessa a cultura. Em matéria de cultura preferimos ficar no nível em que estamos: por baixo!

Eis a que leva a tresandante legenda: Deus, Pátria e Família. Tem sido lema de quanto desalmado tirano há dominado o mundo. Mas... os tempos estão mudados e os últimos quarenta anos nos têm dado torturantes lições.

Resistência pois!  
Reivindicação desapiedada!  
AÇÃO DIRETA em tudo.

## QUE SE FAZ DO TRABALHO DO POVO AQUI E EM TÔDA PARTE

Traduzimos de TIERRA Y LIBERTAD de 10 de julho passado:

O povo trabalhador espanhol não come o que quer. Passa fome. Os salários são baixos e os alimentos caros; mas os Cresos espanhóis esbanjam dinheiro a mancheias.

O pirata Juan March, bandoleiro, contrabandista, batoteiro reacionário e amigo do Caudillo deu uma festa em Madrid. A ela assistiram todos os recém-ricos, traficantes do mercado negro, generais milionários e a própria filha do ditador Franco.

O fabuloso March gastou mais de sete milhões de pesetas só com a festa. March importou de França todo o pessoal do Bailado da Ópera, que chegou em aviões fretados especialmente. Ao terminar a festa, March presenteou sua neta com um colar de pérolas avaliado em sete milhões de pesetas.

As despesas totais, para mais de VINTE MILHÕES DE PESETAS, quase bastaria para construir as estradas de ferro do sul da Espanha e mitigar um pouco a miséria dos espanhóis. Adiante e viva quem pode!!!

# DIREITO AO FILHO

novela de FEDERICA MONTSENY (tradução de José Oiticica)

(Continuação do número anterior)

Ao meio dia reuniram-se os três na sala de jantar. Rosa Maria parecia calma. Estava muito pálida, com grandes olheiras escuras nimbando-lhe os olhos. Porém, sorria suavemente, com o sorriso resignado e tranquilo, estereotipado na boca de tia Adela.

Entre as duas mulheres, ambas solteiras, vidas obscuras, sem amanhã nem objetivo, sentiu-se Rogério angustiado.

Elas cumulavam-no de atenções e, em cada objeto, em cada palavra, em cada sorriso, reconhecia ele os dias que passaram e jamais volveriam.

Comiam sem apetite, espiando-lhe elas o prato e ele mirando, às furtadelas, Rosa Maria. Quando, ao fim, se levantaram, passando Rogério e Rosa Maria ao salão onde, antanho, tantas horas ditosas, de sonho e alegria, viveram, sentiram-se tomados de violenta tristeza.

Sem dizer nada, acercou-se Rosa Maria do piano, quase inconscientemente o abriu e seus dedos voaram sobre as teclas, arancando emocionantes arpejos, páginas musicais quaisquer, mas expressivas, em si mesmas e naquele momento, de toda a melancolia que os dominava.

Tocava sem olhar a música, sabendo-a de cor e de instinto e um momento chegou em que seus olhos se encheram de lágrimas e as lágrimas lhe inundaram o rosto, resvalaram pelos lábios, caíram molhando o piano. Voltou-se nesse instante e, atraído e a chorar também. Levantou-se impulsivamente, foi até ele e algou-lhe a cabeça entre suas formosas mãos. Miraram-se, com mirada úmida e desesperada. Num lance de irreflexão e louca ternura, Rosa Maria apertou contra os seios aquela cabeça amada.

Depois, envergonhados e confusos os dois, separaram-se, estiveram longo tempo silenciosos pensando, com estupor, na separação inconcebível que trouxera, que perdeu, na esterilidade e no isolamento, os melhores anos de Rosa Maria.

— Que estúpido, que absurdo é o destino de algumas vidas! Porque, sim, porque não nos podemos amar então, então, Rosa Maria, quando éramos jovens felizes, alegres, nos queríamos e tudo parecia sorrir-nos? Um pueril temor de teu avô, algumas preocupações, diferenças de fortuna, puslanimidade e candidez em ti, afã de aventura em mim nos separou para sempre. E quão doloroso, quão cruel este reencontro sobre as ruínas de uns dias que já não volverão! disse lentamente Rogério.

Rosa Maria voltou-se, ergueu os braços, abrindo-os como se quisesse abraçar o vazio da sala.

— Para ti não terá isso importância. Tens mulher que te ama e que amas, filhos que te enchem a vida. Tens, demais, outros imperativos de existência que te ocupam os dias e não te deixam tempo de pensar no espectro do porvir. Mas, eu? Rogério! Eu? agonizando entre estas quatro paredes, numa agonia longa, uma vida sem fim, existência sem objeto, sem gozo, sem esperança ou ilusão? Até agora esperei-te. Esperei-te, a ti, o amor que um dia abalara e não deveria voltar. A esperança susteve-me, alimentou-me de mim mesma, povoou-me as noites desoladas, encheu os vácuos deste frio lar. Agora, que esperarei mais?

Sua voz quebrou-se num soluço. O corpo frágil estremeceu todo, num estremecimento de todo o ser.

— Que hei de esperar? — repetiu em voz muito baixa — o fim desta casa, o desaparecimento de um nome, o acaso de uma família, a extinguir-se em mim. Não terei conhecido nem o amor de amante, nem o amor de mãe. Terei consumido inutilmente uma existência sem lhe dar um sópro sequer de amor. Depois disto que esperarei eu mais? Como serão meus dias, de que encherer minhas noites, com que farei calar os gritos desesperados de meu coração?

— Rosa Maria, perdoa-me. Não posso dizer que esqueças por já ser tarde para esquecer.

— Nada há que perdoar-te. De nada és culpado. Culpa queixa tive-a eu mesma por ter sido como sou. Porém, somos como somos e não como queríamos ou deveríamos ser. Nenhuma outra houvera esperado tanto tempo, tão estupidamente como esperei. Mas, quão feliz me sentia esperando. Com que inalterável confiança eu dizia: ele tornará! E, quando soube que eras desgraçado, que te perseguia, que já não devia amar-te por seres relapso, postado contra tudo quanto me ensinaram a respeitar, mais te amei ainda, mais inquebrantavelmente me propus esperar, esperar... No

povoado chamam-me a romântica. Não te rias de mim, Rogério. Compreendo agora quão absolutamente ridícula devo ter sido...

— Cala-te! Cala-te! Rosa Maria. Não sabes quão sublime, quão desesperada, quão comovedora e quase sobreumana foi essa tragédia da esperança, esse drama da recordação e da obstinação que tiveste de viver. E eu! miserável de mim! que deverei fazer para pagar tanto amor, para premiar tão fiel ternura, tanta existência num coração?

— Nada me deves. Oh! talvez não saibas que a paixão é o melhor prêmio de si mesma; que, amando, se acha o gozo puro e íntegro do amor! Isso aprendemos amando em silêncio, por longos anos, como eu amei.

De novo pesou entre eles o silêncio.

Rosa Maria mirava, através dos cristais do balcão, a praça quieta, os eternos velhos, os eternos meninos e as eternas mulheres que nela moravam.

Pelo meio da tarde saíram a percorrer as terras. Rogério recordava todos os rincões; revindo, por um instante, à sua vida de labrego, fazia observações sobre a conveniência desta ou daquela plantação. Rosa Maria escutava-o sem nada dizer, cerrando os olhos para reter, dentro de si mesma, o delirante sentimento daquela evocação.

A noite, novamente reunidos sob a lâmpada familiar, Rogério, recobrando-se um pouco, sentindo-se algo mais tranquilo e senhor de si, falou de sua vida, narrou episódios dela, desvendou, aos olhos cândidos das duas mulheres, mundos longínquos e insuspeitados.

Deitaram-se cedo, à moda roceira.

E quando Rogério se estirou no leito, o pensamento de Rosa Maria, a recordação de todo o amor e felicidade que se perdeu, o fez chorar, lhe fez crispas os punhos, fê-lo maldizer-se no escuro.

Rosa Maria, em sua alcova solitária, quanto chorou!

— Eis, disse tristemente, como se perde uma vida, como se gasta inutilmente uma existência, como se consome um coração. E será justo? haverá direito a sacrifício tão absurdo, a perda tão total?

Todos os pensamentos ruminados em quatorze anos de esperança se lhe atropelavam na mente, a abrasavam, a faziam quase enlouquecer.

— Nada! nada! — dizia em desespero. Nem marido, nem filhos. Uma vida gorada, uma herança a extinguir-se, uma casa

(Continua na pág. 3)

# A PAZ

Por CRISTÓBAL GARCIA

(Especial para AÇÃO DIRETA)

A humanidade atravessa uma era do mais completo desengano conhecido nos annis da história. Os valores morais que, do ser humano, fazem ser superior cederam dando largas à mais impetuosa irrupção de instintos e atitudes inducentes à degradação. O espírito de paz e sacrifício, o amor e tudo quanto embeleza a vida é vão e varrido por um ilimitado materialismo guerreiro, desentranhado, repugnante a qualquer mentalidade seleta.

Que fazem, nesse caso, os povos e a humanidade para corrigir e pôr fim a tanta aberração e desajuste?

Atrever-se a Rússia, abismada na mais negra das ditaduras com seu *Paraiso do Proletariado* mas fabricando mortais armas para assassinar os trabalhadores em ritmo acelerado, a auspiciar um movimento de paz no mundo parece-nos criminoso audácia só possível aos homens políticos seus diligentes, tão falhos de lógica, ideologia social, boa fé e senso comum.

Estamos vendo, como se desmorona esse movimento pró Paz tão preconizado pelos estadistas russos: guerras na Coreia e Indo-China, luta em toda a parte. Em vez do sincero desejo de perpetuar duradoura Paz, o que fazem é jogar com a vida ou morte da Humanidade inteira.

A par foi sempre imperioso anelo da Humanidade. E quase todas as guerras sempre se fizeram com o engodo ou pretexto de lutar pela paz. Essa é uma das maiores *viciacões* dos Estados e Ditaduras, das classes dirigentes em toda a história.

Não é possível aos povos livres do mundo encontrar equilíbrio, paz e liberdade enquanto perdurem os sistemas capitalistas e autoritários atuais. Longe se acha de assegurar-se, conservar-se e consolidar-se a paz depois das guerras continuamente sucedidas desde o ano 1500 ante de nossa era. Só a organização dos povos nos princípios federativos do socialismo libertário poderia ministrar sólidas bases para isso.

A paz não é uma planta fecunda que se haja de regar esporadicamente. Para tornar-se árvore imensa, gigantesca e produzir singulares frutos, indispensável é porfiosa tarefa, sábia e sentida.

Essa missão nada interessa aos comunistas do Estado russo; ao contrário, fermentam a grande mentira do socialismo autoritário — o *Comunismo russo* — para semear entre os trabalhadores profundo confusão nas lutas de decidido caráter emancipador.

Para auspiciar a paz do mundo, importa pregar com o exemplo vivo e não como fazem os senhores atuais, representantes da ditadura do proletariado — que são os antigos burgueses de toga e espada — a trabalharem na Rússia ativamente para a guerra.

Esses não podem, nem devem falar em paz. A paz do mundo não a pode dar a U.R.S.S., com seu regime de povos escravizados. Muito menos os E.E.U.U.

A paz do mundo não há de ser imposta por governos ou ditaduras, senão pelos mesmos povos em geral. A paz é, de natureza, passiva; está no mundo porque nela encontra o mundo sua imperiosa condição de existir.

A paz é luz de vida, floresce como única e verdadeira razão de vida, gloriando seus panegiristas, sobretudo se são, como os comunistas russos, cultores da guerra e dedicam à construção de armas, na Rússia, toda a riqueza do país, organizando pomposos desfiles militares, aparatosos, precedidos de canhões, tanques, aviação e fuzilaria a granel.

A Rússia, tal qual os E.E.U.U. com sua prosperidade econômica do dólar, outro país que prega a paz armando-se até os dentes, alardeia a grande mentira do pacifismo e a mostra a cada passo.

Desses dois Estados mastodônticos, sairá, indubitavelmente, a terceira guerra mundial com ameaça de destruição da Humanidade pela bomba atômica, H ou B. As democracias falsas e as ditaduras terroristas são campo aberto para tal fim destrutivo.

A paz desejada pelos povos não poderá florir em conferências ou congressos, nem tampouco de nenhum governo, chame-se democrático, popular ou totalitário, como assim o esperam os povos e trabalhadores do mundo. Cumpre se desenganem uma vez mais.

Enquanto haja Estado e ditaduras hoje em voga, com toda sua coorte de servidores: clero, militarismo, burguesia, nobreza, pergaminhada e autoridade, não haverá paz no mundo.

Isso o dizem os homens libertários da C.N.T., convencidos de que o tempo nos dará razão.

São os povos e sobretudo os trabalhadores os que podem acabar com as guerras e os mitos de paz e todos os antagonismos dos Estados, para destruir as raízes mesmas das guerras e estabelecer, em seu lugar, a paz sincera e duradoura, firmada na liberdade do *comunismo libertário*, núcleo promotor de fraternidade universal.

# UMA RETIFICAÇÃO

Escreve-nos o velho companheiro José Romero: Companheiros de AÇÃO DIRETA, Saúde.

No artigo publicado em AÇÃO DIRETA, número 93, de autoria do companheiro Varlin, diz ele que a valorosa e inesquecível Luísa Michel foi deportada, após a queda da Comuna de Paris, para a Guiana. Creio que há engano quanto ao lugar da deportação.

Pelo que li, já faz tempo, a respeito das condenações impostas a muitos dos comunistas pelos tribunais dos reacionários franceses daquele tempo, foram elas, para os considerados mais perigosos, a deportação para a Nova Caledônia, ilha considerável do Oceano Pacífico, com 16.000 habitantes nessa época, descoberta por Cook em 1772. Entre alguns papéis, ainda conservo a cópia de uma poesia em espanhol, certamente traduzida do francês, de Luísa Michel e que, pelo título, lembra bem onde esteve ela cativa: *Requerido de Caledônia*, canto do prisioneiro — publicada em um dos nossos jornais em 1902 ou 1903. Se não me falha a memória, creio que foi no suplemento literário semanal de *Tierra y Libertad* quando esse jornal saía diariamente em Madrid.

Se me não engano, foram juntos com ela os Reclus, Malato, pai e filho, e muitos outros cujos nomes não me ocorrem.

Como não sei se os companheiros conhecem a poesia de que falo, tirei uma cópia da que possuo e assim poderão todos apreciá-la devidamente. Entretanto, se a julgarem interessante, poderão traduzi-la e publicá-la aproveitando o ensejo de se haver referido o jornal a uma das muitas passagens da vida da grande propagandista da anarquia, ou lhe dar publicidade, mesmo em castelhano, com os devidos esclarecimentos.

O que digo não passa de simples sugestão. Vocês julgarão se tem ou não cabimento.

Desejando-lhes saúde e solidariedade, recebam um abraço do companheiro

J. Romero

Eis a poesia a que se refere Romero na sua tradução em espanhol:

RECUERDO DE CALEDONIA

(conto del cautivo)

Aquí jamás se siente el frío; el bosque siempre su verdura ostenta y desde el mar hasta el ramaje umbrío, llega la fresca brisa que lo alienta. Y es tal la paz, tan grande y permanente, que al zumbir del insecto solamente interrumpe el rugir de la tormenta.

A veces cuando, envuelto em negro, la sombra de la luz pasa la baya, se escucha el dulce y prolongado canto que las conchas entonan en la playa. En tanto que la flor en la espesura, unida por su amor al aura pura, constantemente va donde esta vaya.

Mirad como las olas hacia el ciclo dirigen la rizada cabellera y, con marcha veloz, raudo vuelo, cruza el profundo mar nave ligera. Y en la noche cubierta de esplendores brotan fosforescentes resplandores del seno de las ondas hacia fuera.

Corre, ven a salvarnos, nave amiga; cambia de mala en buena nuestra suerte; aquí nos hiere y mata la fatiga, el presidio es más triste que la muerte. No nos falta la fé y la constancia, y, si algun día volviésemos a Francia, sería para luchar con brazo fuerte.

El fuego del combate nos inflama, la libertad al bueno presta ardor y la batalla á todos hoy nos llama de los desheredados el clamor... A la sombra la aurora ha confundido y un mundo surge de verdade y amor.

## NOSSOS LIVROS

*"ANÁLISE DIALECTICA DO MARXISMO"*, por Mário Ferreira dos Santos. Editora LOGOS, S. Paulo, 1953. 223 páginas, grande formato.

Aos sintomas alviesos de ressurreição do movimento anarquista no Brasil, representados pelo aparecimento das obras originais através de traduções, como as de *"Conquistas do Pão"* de Kropótkin, *"Amor Livre"* de Charles Albert, *"As Mentiras Convencionais da Nossa Civilização"* de Max Nordau, *"O Anticristo"* de F. Nietzsche e outros livros clássicos da propaganda libertária, estes últimos devidos ao esforço editorial da *"Organização Simões"*, junta-se agora a publicação da *"Análise Dialética do Marxismo"*. É seu autor o nosso companheiro Prof. Mário Ferreira dos Santos, uma das mais vastas, sólidas e brilhantes culturas do Brasil. O autor, que conta no seu ativo nada menos de catorze obras, em sua quase totalidade da maior erudição, tais como *"Filosofia e Cosmologia"*, *"Lógica e Dialética"*, *"Psicologia"*, *"Técnica do Discurso Moderno"*, *"Curso de Integração Pessoal"*, etc., dá-nos agora, na sua *"Análise Dialética do Marxismo"*, uma brilhante, serena, profunda e imparcial exposição da técnica, da estrutura e da cosmologia de Marx, da polémica entre ele e Proudhon e Baúnnin, em que se configuram as duas concepções revolucionárias do socialismo, a autoritária e a libertária. Grande conhecedor dos métodos marxistas, pois foi um dos mais cultos e ativos militantes das fileiras comunistas entre nós, Mário Ferreira dos Santos, apesar de ter abraçado as concepções e os métodos anarquistas, mantém, ao longo da sua obra, notável serenidade crítica na análise percutiente que faz das doutrinas marxistas, baseado-se nas próprias obras de Marx e dos seguidores deste, frisando as divergências profundas que separam estes daqueles em pontos fundamentais.

É esta uma obra honesta, do mais profundo e impessoal que conhecemos, e que, por tudo isto, nenhum anarquista, nenhum militante operário, nenhum estudioso de sociologia deve deixar de ler.

## VARGAS E OS ESTADOS-UNIDOS

Quando o sr. Getúlio Vargas, em 1930, derrubou o sr. Washington Luís, o seu governo foi reconhecido pelos Estados Unidos logo que se definiram as suas tendências ditatoriais. S. Paulo, de armas na mão pela reposição do prestígio da Lei no Brasil, teve toda a hostilidade das autoridades norte-americanas inteiramente ao lado do sr. Getúlio Vargas.

Dado o golpe de Estado de 1937 e implantado o governo totalitário pelo sr. Getúlio Vargas, 48 horas depois esse governo espúrio era reconhecido pelos Estados- Unidos. Os brasileiros então expulsos do Brasil, porque incompatíveis com o despotismo, foram mal recebidos quando não maltratados nos Estados- Unidos, porque eram inimigos de Vargas, o grande amigo dos Estados- Unidos, como lá se proclamava pelos seus portavozes oficiais.

Todos os mensageiros do sr. Getúlio Vargas enviados aos Estados- Unidos em busca de dinheiro ou de assistência foram lá recebidos sempre de braços abertos e de lá sempre voltaram com dinheiro ou com a assistência solicitada. Mas, atacar os Estados- Unidos de vez em quando era útil à demagogia populista. Assim, mais de uma vez, o sr. Getúlio Vargas, cuja política fria e oportunista ninguém ignora, mais de uma vez fez declarações públicas afinetando os Estados- Unidos.

(Da revista Anhembi — Vol. XVI n.º 47 — S. Paulo)

## ADMINISTRAÇÃO DE "AÇÃO DIRETA"

Setembro de 1954	Outubro de 1954
<b>Contribuições</b> — F. Silva, 150,00 — T. e H. 200,00 — Silas, 50,00 — Gonçalves, 142,00 — C. e Neves, 100,00 — Porto, 13,00 — Lopes, 50,00 — Francisco, 50,00 — Linaura, 50,00 — A. Correia, 50,00 — Companheiros de São Paulo, 2.820,00 — Campinas, 115,00 — Santos, 500,00 — Mossena, Sergipe, 200,00 — Fernandes, Porto Alegre, 100,00 — Pastolini, Bagé, 500,00 — Rodrigues, 500,00 — Sonia, 50,00. Total: 5.640,00.	<b>Contribuições</b> — Gonçalves, 100,00 — Silar, 50,00 — C. e Neves, 100,00 — Raul, 20,00 — Afonso, 20,00 — Linaura, 50,00 — T. e H. 200,00 — F. Silva, 150,00 — A. Correia, 50,00 — Campinas, 105,00 — Banca Galeria, 55,00 — Dalmau, 50,00 — Rodrigues 500,00. Total: 1.450,00. Saldo de Setembro: 3.520,00. Líquido: 4.970,00.
<b>Despesa:</b> Entrega ao Jornal do Brasil por conta do número 95: 2.000,00 Correspondência interior e exterior, envio de pacotes e outras despesas: 120,00 Total da despesa: 2.120,00 Saldo para outubro: Cr\$ 3.520,00.	<b>Despesa</b> — Liquidação do número 95 — Expedição, correspondência interior e exterior e outras despesas: 2.950,00 Saldo para Novembro Cr\$ 2.020,00. <b>Companheiros de Pelotas</b> Recebemos os 210,00 que foram anotados nas contribuições de Novembro.

## SILÊNCIO

(Continuação da 1.ª pág.)

também sabemos, que é amigo da Igreja e do Cardeal, o que equivale a dizer que será portador de credenciais para o homem mais católico do que o Papa: Salazar. Ante o espetáculo degradante dos governantes de ontem e dos opositores de hoje, somos forçados a dizer que, se o voto é a arma do povo, como afirmam os políticos, nós, ao votarmos, disparamos essa arma contra nós mesmos. Nenhum homem livre elege seu tirano. O povo sofre, define-se e martiriza-se numa luta desigual para morrer de fome e de desamparo. Nós conhecemos essa triste e bem amarga situação. Por isso perguntamos: que fazem os políticos (sem exceção) em benefício dos miseráveis? Nada! Combatamos o Estado. Porque ajudar a constituir um Governo? Aconselhamos o povo a que não vote, e vamos votar? Não! Que os outros o façam menos nós, que combatemos o Estado. Para nós todos os governos estão em desacordo com o

Povo amigo! fique certo De que, por manhãs do Estado, Engorda o burguês esperto, Mas você sempre é roubado.

nosso ponto-de-vista e nós em desacordo com eles. Votar é portanto reforçar a estrutura política do Estado. A mudança de governo consiste apenas em sentir o alívio do carregador que muda o pesado fardo dum ombro para o outro. O governo cessante implantou um regime fascista após a revolução de 1930, cujos moldes foram estudados e postos em prática pela Igreja em Itália, a mesma Igreja que mantém Salazar e Franco governando Portugal e Espanha, a mesma Igreja que mantém as mais íntimas relações com homens do novo governo brasileiro.

Onde estiver a Igreja, está um poderoso inimigo do povo. Por isso, votar é prolongar a vida do roubo e da Maldade.

Somos da opinião de certo anarquista que dizia: "Os partidos políticos são criados por um punhado de doídos em benefício de poucos."

## DIREITO AO FILHO

(Continuação da 2.ª página)

que desaparece, um nome que morre em mim. E, como viver, santo Deus, doravante? Quem se sentirá com forças para viver? Que me susterá? que me alimentará? Só a morte poderei esperar. Para amar de novo é já tarde. Para esquecer, mais tarde ainda. E, para viver, que imperativos de existência haverá em mim?

Lágrimas ardentes inundaram-lhe o rosto. E uma idéia alimentada, acariada durante anos e anos, a fez estremecer.

— Se eu pudesse ter tido um filhinho, um pedacinho de minha carne, a quem dedicasse minhas horas todas, sobre o qual vazasse toda a ternura do meu coração. Porque não me casei? oh! sim! O filho me haveria impregnado toda, ter-me-ia dado a ventura que não me pôde dar o amor.

Recordava sua louca afeição às crianças, desde adolescente, aquela instinto materno que a fazia amar todas as criaturas, tomá-las nos braços, cobri-las de beijos. E ela, tão mãe, estava sentenciada a não sê-lo nunca.

Em sua consciência de mulher, longamente amadurada, em seu instinto, mais sábio e mais desperto que sua inteligência, desviada pelas freiras, começava a esgueirar-se um sobreumano protesto. De suas entranhas, de todo o seu ser, ante a vida irremediavelmente malograda, ante o porvir, irremediavelmente perdido, subia um clamor desesperado, uma solicitude suprema.

— Um filhinho, um pedacito de carne sobre que vazasse minha ternura, a que dedicasse minhas horas todas, por quem visse e por quem morresse!

VI

### A NOITE ILUMINADA

Regressavam a pé, devagar, do passeio diário pelos campos. Rogério dissera que partiria no dia seguinte. Não podia prolongar sua estada no povoado. Fazia já dez dias de permanência. Sua mulher e filhos assustar-se-iam e, no arraial, já iam murmurando, a comentar a demora do primo americano na casa Riera, com duas senhoritas, que algo mais deviam zelar por seus bons nomes, pois a pobre tia Adela, apesar dos seus 65 anos, não deixava de ser donzela, de frágil honra, fácil de romper-se.

Voltavam tristes, despedindo-se das coisas como se ambos se tivessem afastado ou morrer.

Havia-se pôsto o sol e um grande silêncio, pleno de vida, abalava a atmosfera. Cantavam rouxinóis, cantavam grilos e ouviam-se cantar moços e moças. Maio aproximava-se e um pulsar de criação universal sacudia toda a terra.

Sentindo a confusa grandeza daquele instante, a penetração íntima de quanto os cercava, detiveram-se, mirando em torno, mirando-se silenciosamente.

— Sentemo-nos um pouco — disse Rosa Maria. Estou muito cansada.

Sentaram-se. Rogério a encarava com solicitude carinhosa, com profundo e avaro mirar, que parecia querer gravar a visão de suas feições.

— Porque me olhas assim? — exclamou ela sorrindo com melancolia.

— Porque quero levar-te comigo.

Os lábios dela tremeram.

— E não querias deixar algo em mim?

— Algo em ti? Por desgraça para tua vida e para meu coração, já deixo em ti um amor que não pude premiar.

— O prêmio do amor já te disse que se acha no próprio amor.

Nada, pois, me deves.

— Que posso então deixar em ti.

Ela o fitou um momento, estremecendo. Passava a língua nos lábios trêmulos, a mão pela testa que ardia, pelas faces muito acesas.

— Que tens? perguntou ele. Estais muito corada.

— Tenho febre.

— Tens febre? exclamou ele, inquieto. Então vamos para casa.

Aproximou o rosto ao dela, fixando-a atentamente. Os olhos de Rosa Maria desprendiam tão estranho resplendor, que ele sentiu uma como turbacão.

— Rosa Maria? que se passa?

— Nada. Tenho febre. Passa a mão na minha testa.

— Está ardendo.

— Toca minhas mãos.

— Ardem também.

Rogério olhava-a profundamente, surpreendido e alarmado. Ela fez um esforço para sorrir.

— Não é nada. Ouve-me: quando estiveres longe, quando vol-

tares para junto de tua mulher e filhos, pensarás alguma vez em mim?

— Oh! será possível que o perguntes? disse em tom de censura.

— Não estranhes — murmurou pensativa. Terás, para esquecer, todos os motivos que não terei. Já os tiveste.

— Perdoa-me. Não me deixes partir com o desespero de crer-me causador único de tua desgraça.

— De minha desgraça? Será que fui desgraçada? Até dez dias atrás, esperava e era feliz. De hoje em diante, começará ou não começará minha desdita.

— Se de mim dependesse evitá-la. Se estivesse em minhas mãos fazer tua felicidade! Mas, Rosa Maria, tu, tão nobre, tão boa, será que desaprovarias, que acharias infame que eu deixasse minha mulher e meus filhos para ficar a teu lado, que abandonasse a seres que me amam e que de mim necessitam tanto como tu? Será que em tua mente não entrou o pensamento de exigir de mim semelhante sacrifício de minha dignidade, semelhante abandono de meu dever, de um dever que não ditam leis nem morais, que nasce do coração do homem, do sentimento do pai, da consciência humana? Será que não?

— Não! Rogério, disse Rosa Maria vivamente. Jamais pensei tal monstruosidade. E mais, creio que deixaria de amar-te se fosses capaz de tal ação.

— Então, Rosa Maria, que fazer? Que será de ti?

— Que fazer? murmurou ela como se sonhasse. Nada. Deixar-nos levar, abandonar-nos à vida, entregarmo-nos, numa suprema renúncia, ao que quiser vir.

Ficaram silenciosos longo tempo, respirando o ar do campo, enchendo os pulmões em longa aspiração. Rosa Maria vibrava de quando em quando. Rogério, notando-o, puxou-a para si, como se quisera resguardá-la de um frio imaginário, de um frio que se achava dentro do seu coração. Mas, o corpo de Rosa Maria arbrava. Tocou-lhe de novo a testa, as mãos; queimavam. Ela reclinou a cabeça em seu ombro e permaneceram largo tempo assim, apoiados um no outro.

Depois, sem saber como, as mãos se apertaram e as bocas buscaram-se. A noite ia descendo, aromática e tranquila. E, sem saberem como, viram-se estreitamente unidos, confundidos num supremo abraço e, sem saberem como, cumpriram, ante o olhar das primeiras estrelas, no leito nupcial de toda a natureza, o eterno rito do amor.

(Continua)

# Líderes Sindicais

O admirável semanário anarquista *L'adunata dei refrattari*, de Nova York em seu número de 2 de outubro, insere um precioso artigo sob a epígrafe *Lavoratori onorari* (Trabalhadores honorários).

Mostra haver nos Estados Unidos duas classes mui distintas de homens ocupados na vida dos obreiros. Há os trabalhadores (*wage earners*, ganhadores de salário) ou simplesmente *workers* (obreiros) sejam assalariados, sejam mestres de obras, empreiteiros, profissionais.

Outra classe há, porém, denominada geralmente *Labor*, com *L* maiúsculo. "Esse nome, explica o articulista, reserva-se a uma minoria de trinta ou quarenta mil dirigentes de organizações operárias, os líderes das uniões de ofícios. Esses não são verdadeiramente trabalhadores, senão agentes políticos ou administrativos, perenemente em se supõe representantes, nos interesses dos trabalhadores autênticos, organizados por ofício ou indústria. Na realidade, são profissionais ocupados, antes de tudo, dos seus interesses pessoais ou parte deles".

E acrescenta: "Chefes e dirigentes de organizações sobre as quais impõem quase sempre com absoluta autoridade, raramente retidos por escrúpulos e mais raramente ainda, por freios ou peias democráticas, esses funcionários são, potencialmente, árbitros de formidável força social, política e econômica, a de 16 ou 17 milhões de trabalhadores organizados, os quais mantêm, com seu trabalho, as principais indústrias do país e todos os serviços públicos, e isso mais que as rivalidades internas, perenemente em guerra entre empresas. Na prática, acham-se divididos por cumeiras e, desacreditados entre os seus sequazes, são incapazes por si de contrarregar até o voto político".

Esses líderes aderem a partidos políticos conservadores, impõem certo respeito aos políticos e aos governos dados os seus grandes meios de propaganda. Conseguiram, no primeiro governo de Roosevelt e com a crise tremenda de 1929-32, extensa legislação

social. Com esta vieram os seguros e assistências (os *novos institutos*). As contribuições avolumaram-se, como aqui, a bilhões de dólares.

Ora, essa enorme reserva, diz o articulista, "oferece aos trabalhadores honorários da burocracia unionista, nova fonte de lucro e camorra".

Transcreve, depois, do *Times* de Nova York, estas palavras: "No ano passado, toda uma série de escândalos descobertos de ponta a ponta do país chamou a atenção das administrações desses fundos. Da zona do Mid-West, uma subcomissão da Câmara dos Representantes recebeu provas concretas à sua administração e malversação dos fundos de seguros sociais, confiados a certos sindicatos da União dos *Teamsters*".

Informa o *Times* que, em janeiro, o presidente Eisenhower pediu ao Congresso que estudasse a situação desses fundos unionistas de seguros sociais a ver se seriam necessárias novas leis garantidoras da sua integridade.

Em Nova York, o assessor de um funcionário unionista revelou a existência de camorras na gestão de tais fundos ordenando o governador Dewey inquérito apurado.

Falta-nos espaço para alinhar a série de roubalheiras verificadas nessas uniões, nem há propriamente interesse nisso. Não são diferentes das conhecidas aqui. Roubam é da essência do capitalismo e de suas instituições, armadas todas para o roubo organizado de quantos trabalham no campo ou na fábrica.

Os capitalistas, por meio de seus laços parlamentares, entre os quais se metem tantas vezes, engendram leis, subvenções, contratos, propinas gordas comérciais. Na gerência sindical, põem seus apunhaçados e protegidos e estes, bem treinados nas maniatas patronais e confiantes na estultícia dos obreiros, vão representando a farsa como lhes melhor calha na firmeza das unhas.

Culpados? Os próprios trabalhadores, gente parva a mais não poder, facilmente tapeável, boa mesmo para ser roubada e escarnecida.

## VITALIDADE DAS IDÉIAS

Há trinta e cinco anos a ditadura bolchevique tenta sufocar, na Rússia, por meio da censura e dos campos de concentração, das prisões e dos pelotões de execução, toda idéia política e social que não seja de disciplina e submissão à ordem constituída, especialmente a idéia libertária, a mais detestada pela ditadura totalitária.

Desde que o movimento Makhovista foi derrotado na Ucrânia e a comuna de Kronstat foi afogada no sangue de seus defensores (1921), não mais se ouviu falar, nem se viu escrever de anarquismo na União Soviética. Dos anarquistas conhecidos, os que não conseguiram alcançar o caminho do exílio, acabaram nas prisões ou nos campos de concentração.

Se as mordacões e as perseguições de um governo absoluto, intolerante de divergências e feroz em suas represálias, tivessem a possibilidade de destruir as idéias, sufocando-as no peito dilacerado dos que as professam, nos domínios da ditadura bolchevique, não deveria nesta hora, depois de quase sete lustros de censura e depuração, sobrar sequer a lembrança das idéias libertárias e do movimento anarquista.

No entanto... O número de 2 de agosto último do semanário social democrático de Nova York "The New York Leader" que é tradicionalmente contra os anarquistas, ao menos tanto quanto o são os publicistas bolchevistas, traz um testemunho em contrário que não se pode a priori desprezar.

Trata-se de um artigo de uma senhora alemã, Brigitte Gerland, social democrata, libertada, no ano passado, do campo de concentração de Vorkut, onde tinha passado diversos anos de internamento.

Brigitte Gerland fala de sua estada no campo de internamento soviético de Vorkut, onde os mineiros internos fizeram uma greve contra seus carcereiros e exploradores bolcheviques em julho de 1953 e conta ter assistido, numa manhã, às discussões de um grupo de jovens internadas. Eram ex-studentes, narra Gerland, que tinham constituído um grupo de resistência e mantinham relações com os componentes de grupos análogos existentes nos campos masculinos.

Naquela manhã, uma jovem das mais ativas, levantou-se e leu uma comunicação recebida do campo dos homens, comunicação que a articulista guardou de memória em sua substância e resume com estas palavras: "Todo movimento de resistência — escreve — começa com um NÃO".

Nós dizemos NÃO à ditadura do partido que transformou a promessa de liberdade de espírito numa mentira farsaica para todos os povos da União Soviética. Nós dizemos NÃO ao capitalismo de estado, porque o estado soviético é um explorador mais tirânico que os mais despiadados capitalistas privados. Nós dizemos NÃO ao imperialismo soviético que está em contraste berrante com a teoria marxista, porque a revolução não pode ser levada ao mundo na ponta das baionetas russas.

Ademais, é essa a principal razão de não querer-mos ser governados. É necessário que os homens cessem de ser rebanho e se habituem a pensar e a ter noção da sua própria dignidade, de sua própria força. Para educar o homem na liberdade e na gestão dos seus interesses, é necessário deixar que pense por si mesmo e fazer-lhe sentir a responsabilidade de seus atos, tanto no bem como no mal que deles derivam.

MALATESTA — Entre camponeses

(Traduzido de *L'adunata dei Refrattari* de agosto de 1954).

Aloucada cólera contra os tiranos, vago desejo de destruir e matar certamente não são características da filosofia conhecida com o nome de anarquismo...

A filosofia do anarquismo está encerrada em uma palavra: LIBERDADE. Nenhum óbice ao progresso humano, ao pensamento, à investigação, estabelece o anarquismo; nada há verdadeiro e certo, hoje, que futuros descobrimentos não possam provar seja falso; assim, pois, há uma única mas infalível e imutável divisa: LIBERDADE. Liberdade de descobrir uma verdade, liberdade de desenvolver-se, de viver naturalmente e plenamente.

A. R. PARSONS. The philosophy of anarchism

## NAS AUTARQUIAS FURTA-SE O DINHEIRO DOS TRABALHADORES

Autarquia é sinônimo de cadeia dourada. Com ela, alge-ma-se o trabalhador, fazendo-lhe crer que é seu amparo. Os tiranos, a Igreja, os magnatas sempre inventaram desses truques para sopitar a revolta latente no produtor único, porém na penúria.

Ação Direta bate e baterá sempre nesta importante tecla até que os trabalhadores do Brasil entendam esta verdade: as autarquias os escravizam e roubam.

São diários os exemplos, as denúncias, os apitos dos próprios jornais burgueses colaboradores do capitalismo e portanto desse miserável regime dos Institutos Beneficários. Beneficiários de quem? Dos funcionários e dos altos diretores com pólpos ordenados extorquidos das algibeiras do trabalhador. A tremenda burocracia desses Institutos é o maior parasita do trabalho nacional.

Vai hoje um exemplo do famoso SAPS. Eis o que diz o Diário de Notícias de 23 de outubro passado, logo na quarta página da sua primeira seção.

### O SAPS

Ainda uma vez os escândalos do SAPS. Parece que essa instituição não nasceu para outra coisa. Desde que a cortina de silêncio da ditadura foi rompida em 1945, o SAPS tem sido um escândalo vivo. Quando não é uma administração que o produz, desviando verbas e fazendo negócios ilícitos, é a administração seguinte que procura salvar a sua responsabilidade divulgando esses negócios e desvios. Geralmente há notícias de inquérito. E promessa de punição. Depois tudo cai no esquecimento e alguns nomes são acrescentados ao rol dos novos-ricos do país.

O que se revela agora da administração do sr. Luis Correia é simplesmente de estarrecer. Milhares de sacas de café que normalmente seriam destinadas a adubo foram compradas ao preço do melhor tipo de café que deveria ser vendido aos trabalhadores e vendidos nas barracas, mercados e super-mercados. Torrentes de dinheiro despejaram-se no bolso de jornais e jornalecos, alguns dos quais já foram à falência devendo dezenas e centenas de contos de publicidade "prometida". Tudo passou a ser propaganda. Até o noticiário de fatos e a publicação de matéria educacional e de interesse público eram realizados contra faturas fáceis que se acumularam nos empenhos de verbas, nos contratos gordos cujo objetivo era eleger o diretor deputado federal.

Enquanto isso, a máquina administrativa desmantelou-se, inflada de servidores pagos por meio de recibos gratuitos — eleitores considerados certos e contratados para arrastar os votos de suas famílias, dos seus parentes e dos seus amigos. O SAPS transformou-se num imenso escritório eleitoral, trabalhando febrilmente para o PTB com o dinheiro da Previdência. Anuncia-se um novo inquérito. E' de esperar que desta vez a investigação vá até o fim, se punam os culpados e as culpas não se repitam. A paciência do povo esgota-se. O SAPS, o Fundo Sindical e os Institutos são gotas d'água que estão na iminência de fazer o copo transbordar.

Sómente atos de extrema energia poderão conter o transbordamento.

## RESPOSTA A UMA CARTA

(ver o número anterior)

6. Qual a posição dos anarquistas ante o Governo de Exílio da Espanha? de apóio? No caso afirmativo, não há incoerência? Não representa Estado? Não é um dilema?

Resposta. Não há dilema algum já que não existe apóio algum anarquista ao governo de exílio. Podem os anarquistas olhar com simpatia esse governo por ser ele o único, inimigo declarado do usurpador fascista e católico Franco. Como lutamos, nós de um lado e o governo do exílio do outro contra a mesma camorra clerico-fascista, arquiadora da infeliz Espanha, poderá parecer, aos habituados à política burguesa, que apoiamos tal governo. Tão certo, entretanto, é que o não apoiamos, que se conseguirmos levar avante, como pretendemos, a derrocada do falangismo e do Vaticano na Espanha, absolutamente impossível seria fôssemos cometer a estultícia de o repormos em Madrid. Poderiam voltar seus membros à Espanha, porém como simples trabalhadores. Como governo, jamais.

7. Qual a melhor obra (quer em português quer em castelhano) sobre a guerra civil espanhola? Já li *A Trágédia na Espanha* e *Um brasileiro na guerra espanhola*, gostando do primeiro (de autoria de um espanhol exilado) e vendo, no segundo, aberta propaganda bolchevique, soviética, como se vê dos excessivos ataques à atuação dos anarquistas na guerra citada. Há verdade ali? Os anarquistas sabotaram a guerra civil? Não vêdes a possibilidade de infiltração de elementos mal intencionados nos movimentos anarquistas no mundo? Que acha?

Resposta. A melhor, talvez, a única documentada e segura é a de Juan Peirats, em três volumes. A de brasileiro na guerra da Espanha é o testemunho acabado e vivo dos processos infames desses requintados jesuítas, fascistas vermelhos, contumazes caluniadores e mentirosos profissionais. Raciocine. Quem saiu à rua arrastando o novo espanhol na contraofensiva a Franco? Foram os comunistas? Não. Foram os anarquistas, centenas deles mortos na tomada do forte de Artarazanas. Nesse tempo, não havia, pode-se dizer, bolchevistas na Espanha. Seria possível fôsse os anarquistas sabotar depois uma obra iniciada por eles? Os sabotadores reais, providamente saboteadores miseráveis, a cuja obra dançada se deve a derrota quando a vitória estava patente, foram precisamente os bolchevistas, por imperdoável erro dos companheiros espanhóis que lhes permitiram entrada no ministério republicano, inclusive no mais eficaz de todos, o da guerra. As tremendas vilanias dos ditos comunistas estão documentadas na obra de Peirats e dela demais amostra no n.º 93 de *AÇÃO DIRETA*.

8. Durruti foi o líder do anarquismo ibérico?

Resposta. O sr. Lima não pode alijar do seu cérebro essa palavra *líder*; mas, é de todo ponto indispensável atirar-lhe às urtigas se quiser algo pescar de anarquismo. Durruti nunca pensou em ser líder ou chefe, ou coisa alguma. Dadas as suas qualidades de lutador, sua inextinguível coragem, seu ânimo e a irrestrita confiança adquirida por uma atuação de muitos anos no movimento anárquico ao lado de Francisco Ascaso, seu inseparável companheiro, entregou-lhe o povo espanhol a tarefa de organizar a resistência a Franco. Só isso!

9. Foi assassinado por anarquistas mesmo, como faz crer o argumento contrário? Resposta. Essa mentira é tão deslavada, que até faz rir e enoja. A versão contrária seria muito mais provável, quase certa: Durruti foi vítima dos bolchevistas. O que nos leva a supor isso é o fato de haverem os bolchevistas, imediatamente, atribuído essa morte aos anarquistas, invenção diabólica em que, felizmente, ninguém acreditou. Basta ver a colossal demonstração de pesar que foi o enterro desse grande companheiro.

Todavia, não há prova provada de algum atentado. Madrid estava transformada em campo de batalha pois os franquistas haviam chegado até a Ponte dos Franceses. Combatia-se nas ruas. Uma bala qualquer apanhou Durruti em pleno coração, quando ele inspecionava as trincheiras. Temeroso, como conhecidamente era, não se resguardava e foi certamente vítima do seu destemor.

10. Foi Durruti o criador da Brigada Internacional? Resposta. A Brigada Internacional organizou-se em França e Durruti, na Espanha, não poderia ter influído nisso.

Constituiu-se, a princípio, com refugiados italianos, anarquistas e socialista acossados por Mussolini. A prova de nela preponderarem os anarquistas está em ter-se chamado *batallão Malatesta* a primeira leva entrada na Espanha.

11. Os anarquistas ainda mantêm guerrilheiros nos Pirineus? Resposta. Nos Pirineus e em toda a Espanha. Refere-se a pergunta, certamente, a guerrilheiros armados nas montanhas; mas, cada espanhol desejoso de liberdade dentro das fronteiras é, de um ou de outro modo, um guerrilheiro em ação e pronto à primeira oportunidade para o levante geral.

12. Qual o país que possui maior número de anarquistas?

Resposta. Difícil a resposta, porque, como já disse, não rotulamos ninguém, nem distribuímos cadernetas, nem organizamos fichários. Não queremos rebanho. Queremos homens livres e conscientes. Cremos, todavia, ser ain-

## VERDUGOS DO PROLETARIADO

(Continuação da 1.ª pag.)

vio, ao ver que, em vez de fertilizar princípios, só encerrava destruição. Que resta hoje dessa revolução? Vemos um grande verdugo. Em suas mãos, a espada e o sangue, fiel representante daquele imperialismo tão sonhado pelos tzars.

Fedimos, pois, igualmente revolução contra o comunismo soviético porque a exigia a liberdade e nossos princípios. Mas, qual é a força misteriosa que mantém essas três falsas potências em pé.

O imperialismo russo. Simplesmente o mito de comunista, proletário e revolução, lançado pelo Krémlio, mito de que os outros países necessitam para manter seus Estados capitalistas, mito que estabiliza a barbárie militar, escraviza a ciência e dirige a exploração, bandeira, de cor branca ou vermelha, que agitam todos os Estados, vigilantes de que ninguém duvide do seu caráter.

Mas, será invencível a potência desses países! Não.

Saiba-se de uma cousa: se todos os organismos operários denunciassem a estrutura do Estado capitalista, burgues, russo, o império do Krémlio, o dos lanques e o do Vaticano se desmoronariam ante a verdade.

Porém, se isso persistisse, épocas há em que a evolução se escorre da violência. A marcha progressiva da Humanidade em busca do seu ideal, destrói o que deve cair. Podem existir eclipses; porém, a potência da razão, enfrentando a força, triunfa sempre. Ante o porvir, o passado desmorona-se. Por isso, essas três pragas não podem subsistir.

O Vaticano, o imperialismo lanque, a burguesia capitalista mentem no seu ódio ao comunismo. Mentem porque odeiam a Revolução Social e o comunismo soviético não ocupa, nesta, nenhuma representação.

## CHUVA POR DINHEIRO

Noticiaram os jornais: "O Rev. Eddie Clayton pede 7 mil dólares ao governador de Nova York, por atribuir a chuva às suas preces".

Esqueceu esse reverendo que o papa havia, em 9 de maio de 1950, baixado um decreto-lei da Congregação do concílio estabelecido a pena de ex-comunhão para os membros do Clero regular ou secular, que tratem de negócios por sua conta ou conta de outrem prevendo tal decreto a obrigação de reparar os prejuízos materiais que possam causar. Creio que Clayton espera comprar o Céu, com os 7 mil dólares, pois, ao negociar tal fenômeno (a chuva), foi automaticamente excomungado pelo decreto do Papa. A. C.

Conta a Igreja como certo Que, fugindo do canhoto, João Batista, no deserto, Comeu muito gafanhoto.

Mas, sendo eles tão vorazes, Que não há quem lhes resista, Como foi que esses lambazes Não comeram João Batista?

## DIVULGUE AÇÃO DIRETA

da a Espanha o maior vive-douro de companheiros. Depois virá a Itália, porém, a Bulgária, apesar da feroz reação soviética, não se distancia muito. Sabemos, outrossim, que, na própria Rússia, ferve a propaganda anárquica e cresce o número dos libertários, com a desilusão do *paraiso*!

13. Pergunta por fim o sr. Lima, se os anarquistas atuaram em Guatemala e na Indochina. Nenhuma notícia possuímos.

12. Recebemos do sr. Lima outra carta datada de 6 de outubro, em que insiste nesses pontos e, mais, em qual é nossa posição ante partidos. Estamos fartos de berrar que os anarquistas não apóiam partido algum, combatem o sistema eletivo, deistam política seja democrática, republicana, soviética ou cristã. Todas se equivalem, isto é, nada valem, pois nenhuma cogita na destruição do Estado e este ponto é o ponto capital. Os anarquistas são contra qualquer governo: monárquico, soviético, cristão, democrático, católico ou outro. Propugnamos e federação regida por acordo mútuo, assumido em congressos, plenários, reuniões, com direção dos trabalhos a cargo das organizações técnicas, constituídas por trabalhadores, não por assalariados, não sujeitas a regulamentos, nem ministérios, nem polícias, nem tribunais.

Queremos uma sociedade sem o meu nem o teu, pois nesse egoísmo está o cerne do mal, da broca destrutiva de toda harmonia humana.

Pensamos haver respondido às perguntas do sr. Lima. Se outras dúvidas tiver, prontos estamos a esclarecê-lo.